

Ana Elizabeth Cavalcanti: Boa tarde a todos. Ainda há pouco eu comentava com Eduardo, que nós pegamos o horário mais difícil: após um almoço, numa tarde ensolarada de sábado, nessa cidade maravilhosa, nesse lugar especialmente. Então tem que valer a pena. Bom, como todos os leitores, também passei por grandes apertados, para cumprir essa função espinhosa. Mas agora, sou tomada de uma sensação de satisfação e de alegria porque quando se inventa uma coisa inusitada como esta se faz uma aposta meio no escuro. Quer dizer, ninguém sabe no que vai dar. Quem esteve em Paris, por exemplo, em 2000, viu no que deu. Nós, aqui, fizemos esta aposta, e o que conseguimos construir foi algo muito interessante. É uma experiência de valorização do encontro com o outro, e ao mesmo tempo, de afirmar um estilo, o estilo de cada um. Então isto me dá uma satisfação muito grande e espero contribuir também com a construção dessa história inventada, que acabou se tornando muito interessante.

A discussão sobre a midiatização e seus efeitos nas subjetividades contemporâneas constrói um campo em que podemos identificar, dentre outras, duas tendências mais amplas. A primeira está basicamente engendrada na crença de que a sociedade contemporânea é animada e dominada pela imagem. Nesse hiato provocado pela quebra da tradição e perda de seus valores, somos seduzidos a nos agarrarmos com afinco a qualquer imagem que possa nos servir de modelo. Com o declínio das tradicionais referências, assentadas no dever e na obrigação; a ascensão de uma moral dos sentimentos, em que o coração leva sempre a melhor sobre a lei; com a acentuada diminuição de normas prescritivas e métodos intimidatórios como ordenadores sociais, aliada às crescentes aspirações consumistas mais emocionais, participativas e aparentemente livres - muito condizentes com as aspirações neoliberais do indivíduo contemporâneo - maior é o poder e a penetração da mídia na cultura.

Assim, a atenção pública, segundo esse modo de ver, é guiada pela imagem e a realidade não é mais real. Devorada e representada pela mídia sob forma de imagem, torna-se real quando apresentada como espetáculo, sensacionalismo ou apelos sentimentais. Ou seja, a realidade virtual é tudo que nos restou como caldo de cultura da modernidade. Fomos transformados em expectadores ávidos por fatos, modelos, conceitos, valores, padrões de comportamento e modas criadas pela mídia. Mais ainda, tornamo-nos expectadores de tal modo acrílicos que perdemos a capacidade de distinguir a realidade da ficção.

Uma outra tendência pode ser representada pela crítica recente e contundente de Suzan Sontag a essa posição, veiculada através de seu livro recém lançado, *Diante da dor dos outros*. Para ela, essa idéia de que vivemos em uma sociedade do

espetáculo, de que imagens e realidades simuladas são tudo o que existe agora, de que o real é midiático, declarando-se, enfim, a morte da realidade, é uma generalização equivocada. Ela universaliza um modo habitual de ver de uma pequena população instruída que vive na parte rica do mundo, onde as notícias precisam ser transformadas em entretenimento. Existem “centenas de milhões de espectadores de tevê que estão longe de se sentirem impassíveis ante o que vêem na televisão. Eles não se dão ao luxo de fazer pouco da realidade”. Quem experimenta a guerra, as injustiças em massa, o terror, não como consumidor de notícia, mas como protagonista, não pode fazer pouco da realidade. Suzan Sontag conversa evidentemente com Debord e Baudrillard, a quem se dirige explicitamente em seu livro.

Colocadas dessa forma, as duas posições polarizam o campo da discussão, assumem um certo lugar de verdades totalizantes e, contraditoriamente, seguem de certa forma e reforçam a própria lógica midiática. Os efeitos dessa posição, conhecemos todos muito bem: terminam por produzir discursos totalitários e apocalípticos, pelos quais se tem especiais apreço e fascínio nesses nossos dias. Não podemos dizer que nós psicanalistas nos desvencilhamos deles com facilidade, muito pelo contrário.

Ora, se não arranjam formas de neutralizar essa tendência as coisas se tornam muito difíceis. Afinal de contas, sem desconsiderar o lugar que ocupam a imagem e a mídia em nossa cultura, não precisamos descrevê-la como uma cultura do império do mal, do obscurantismo ou da alienação. Sabemos muito bem que nessa mesma cultura em que as subjetividades são devoradas pela lógica do consumo e da imagem como forma final de mercadoria, muitos conseguem comparar, julgar, escolher e até agir criativamente. Esses representam o grupo daqueles que não sucumbiram e continuam a reinventar a vida continuamente.

Pois bem, numa tentativa de sair desse lugar, que nos impede de pensar, que não nos permite valorizar e positivar as experiências humanas que são sempre diversas, apesar de tudo, proponho que tomemos as duas posições, não como um embate de idéias antagônicas, mas como um convite dos autores à reflexão nesses dois lugares. Como se eles nos estivessem dizendo que, se por um lado, como o fazem Debord e Baudrillard, é necessário construir um campo de discussão em torno de uma tendência que parece dominante em nossa cultura, por outro, é igualmente indispensável, nos diz Suzan Sontag, que voltemos o olhar sem preconceitos para experiências humanas, também presentes em nossa cultura, que nos apontam outros destinos, outros caminhos e soluções.

Trata-se de um convite para olhar o nosso mundo sem reducionismos ou denegações, ampliando ao máximo a nossa possibilidade de apegá-lo em sua

complexidade. Talvez essa já seja uma tentativa de resistirmos às lógicas totalizante e homogeneizante do mercado e da mediação.

Os sete trabalhos que tive a oportunidade de ler nos permitem, e poderia dizer que até me inspiraram, essa forma de colocar a questão. Cinco deles se situam mais próximos ao lugar proposto por Debord e Baudrillard. Os outros dois falam de experiências humanas que os colocam mais próximos à proposição de Susan Sontag. Poderia dizer que todos são permeados por uma inquietação comum que resulta numa questão que eu formularia mais ou menos assim: se a psicanálise desde a sua invenção e ao longo de sua história, deu voz àqueles que, subjugados por crenças totalizantes, não a tinham - as histéricas, os loucos, os autistas - permitindo-lhes que se afirmassem em suas singularidades, como situá-la, e o que nela é preciso redescrever, para que possa ainda oferecer-se ao homem contemporâneo como uma possibilidade de valorização da singularidade, da espontaneidade e da criatividade? Como ser ainda atual e útil nesses tempos em que a mídia ocupa esse lugar totalizante e apagador da diferença e da singularidade?

A partir dessa questão, os autores vão traçando seus caminhos próprios. Dentre os cinco que se situam mais próximos às posições de Debord e Baudrillard, alguns vão tomar as idéias de “sociedade do espetáculo” e de realidade virtual como referência e fazem trabalhar conceitos psicanalíticos para interpretá-las. Assim, a função do olhar, desenvolvida por Lacan, serve como ponto de apoio para a discussão de alguns dos aspectos constitutivos das subjetividades nessa cultura: a fama, a visibilidade, a transparência e a vigilância. O conceito de recalque orgânico de Freud é utilizado para se entender o tipo de renúncia pulsional imposta pelo mundo virtualizado, ao mesmo tempo que o conceito de sublimação e o lugar que esta ocupa numa cultura imagética em que o investimento no objeto é cada vez mais substituído pela identificação com o mesmo, joga uma luz nova na compreensão do processo crescente de desfusão pulsional, presente nas subjetividades contemporâneas.

Outros autores, situados também nesse lugar da discussão, vão colocar a psicanálise como possibilidade de crítica e alternativa ainda para a sociedade do espetáculo. Assim o discurso psicanalítico e a sua ênfase nos conceitos de pulsão e de desejo, produz uma ética, a ética do dizer, que resiste e se contrapõe aos anseios totalizantes da comunicação na contemporaneidade. Na mesma direção, o conceito de ato analítico, colocado em paralelo à noção de ato criador em Duchamp, associado à idéia da escrita ocupando um lugar central para o ato criador, coloca a psicanálise como uma possibilidade de crítica à sociedade do espetáculo. Por fim, o discurso

psicanalítico, na medida em que propicia ao sujeito a construção de uma estética e de uma estilística da existência, ainda pode inventar significantes para nos auxiliar a “saber ser, saber fazer e saber conviver”, mesmo nesses tempos adversos à singularização.

Os dois últimos autores, como referi antes, situam-se mais próximos ao lugar proposto por Susan Sontag. Através de relatos de duas experiências distintas, uma clínica e outra advinda da convivência de dois personagens famosos – Freud e a cantora Yvete Guilbert - trazem exemplos de invenção e criação humanas frente a pressões universalizantes, quer advindas de um saber que se quer universal , quer de uma cultura repressiva. Se um propõe a desconstrução de categorias diagnósticas, acentuando a irreducibilidade da subjetividade a noções generalizadoras e universalizantes, o outro traz o relato da vida de uma mulher, cantora da noite, que, tendo como palco os cafés parisienses das últimas décadas do séc XIX, foi porta voz da desopressão das questões do amor e do desamor. Como Freud , surpreendia seus expectadores fazendo-lhes reinventar a sexualidade humana e a sensualidade.